



MOSTEIRO DE
ALCOBAÇA

A PÁSCOA NO MOSTEIRO



Altar do Senhor Ressuscitado
(Séc. XVIII)
(actual Porta dos Mortos)

Viver a Páscoa no mosteiro

Páscoa: *pessach*(hebraico); *paskha*(grego);
pache(latim)

A Páscoa é a mais importante festa do ano litúrgico. O Papa Leão Magno, no seu sermão XLVII (Sermão IX sobre a Quaresma) considera a Páscoa a Festa das Festas, afirmando que o Natal só é celebrado como preparação para a Páscoa. Comemorando a morte do verdadeiro Cordeiro de Deus e a Ressurreição de Cristo, pedra angular da fé cristã, é também a mais antiga festa da Igreja Cristã, o elo de ligação entre o Velho e o Novo Testamento.

O Concílio de Niceia (325 d.C.) fixou a data da celebração da Páscoa Cristã no primeiro domingo após a primeira lua cheia a seguir ao equinócio da primavera, no hemisfério norte.

Palavra presente nas mais importantes línguas e culturas, significa etimologicamente a *passagem*; nesse sentido, a *páscoa* sempre representou a passagem de um tempo de trevas para um tempo de luz, seja esta a libertação dos Hebreus a caminho da terra prometida, seja o fim da longa noite de inverno anunciada pelo equinócio da primavera. Interessante é confirmar que mesmo a Regra de S. Bento consagra esta dupla significação, ao assinalar a Páscoa, na rotina do mosteiro, como a linha de demarcação entre o antes e o depois no ano litúrgico, mas, igualmente, o início de um novo ano, o momento que põe fim ao Inverno e anuncia o Verão.

O tempo da Quaresma é especialmente vivido no mosteiro, considerado este como o lugar onde, morto para o mundo, o monge *ressuscita* na transposição da Porta do Ocidente. Duplamente Justificado neste segundo baptismo, este novo homem viverá doravante uma observância da Quaresma, em todo o tempo, pois, ressuscitado que é em Jesus Cristo, buscar o que está no céu, onde Cristo está sentado à direita de Deus, é a sua única missão neste mundo

S. Bernardo, *Sermão para o dia de Páscoa*



MOSTEIRO DE
ALCOBAÇA

A PÁSCOA NO MOSTEIRO

Viver a Páscoa, segundo a Regra (de S. Bento)

Cap. VIII: Dos ofícios divinos durante a noite

Durante o inverno, isto é, desde as calendas de Novembro até à Páscoa, levantem-se (os monges) à oitava hora da noite, que se há-de determinar segundo um cálculo razoável.

Deste modo, terão descansado um pouco mais de metade da noite e poderão levantar-se bem dispostos, já com a digestão feita. O tempo que resta depois das Vigílias, aproveitem-no no estudo do saltério ou das lições os irmãos que disso tiverem necessidade.

Desde a Páscoa até às sobreditas calendas de Novembro, deve calcular-se a hora de modo que o ofício das Vigílias, após curtíssimo intervalo em que os irmãos possam sair para as necessidades naturais, seja imediatamente seguido de Laudes, que se não-de dizer ao romper da aurora.

Cap. IX: Quantos salmos se não-de dizer nas horas nocturnas

No tempo do inverno, de que acima se falou, diga-se em primeiro lugar, três vezes, o versículo: “Abri, Senhor, os meus lábios, e a minha boca anunciará o vosso louvor”(Sl 50,17)(...).

Cap. X: Como se há-de celebrar o ofício nocturno no verão

Desde a Páscoa até às calendas de Novembro, guarde-se na salmódia a mesma regra acima estabelecida; salvo que, em razão de as noites serem curtas, não se leiam as lições pelo livro; mas, em lugar das três lições, diga-se uma só, de cor, tirada do Antigo Testamento, à qual se junte um responsório breve. Tudo o mais se deve fazer como acima ficou dito, convém a saber, que nunca se digam às Vigílias menos de doze salmos, além do terceiro e do noventa e quatro.

Cap. XV: Em que tempo se há-de dizer Aleluia

Desde a santa Páscoa até ao Pentecostes, diga-se sempre o Aleluia, tanto nos salmos como nos responsórios. Desde o Pentecostes até ao princípio da Quaresma diga-se todas as noites, às Vigílias, somente com os seis últimos salmos. Todos os domingos, fora da Quaresma, digam-se com Aleluia os cânticos (das Vigílias), as Laudes, Prima, Tércia, Sexta e Noa; Vésperas, porém, já se dizem com Antífona. Os responsórios, esses nunca se digam com Aleluia, a não ser desde a Páscoa até ao Pentecostes.

Cap. XLI: Das horas das refeições

Desde a santa Páscoa até ao Pentecostes, os irmãos jantem à sexta hora e ceiem à noite. Depois do Pentecostes, durante o verão, se os monges não tiverem de trabalhar no campo ou o demasiado calor os não incomodar, às quartas e sextas-feiras fiquem em jejum até à nona hora. (...)

Desde os idos de Setembro até ao princípio da Quaresma, os irmãos jantem sempre à nona hora.

Durante a Quaresma, até à Páscoa, só comerão ao fim da tarde. As Vésperas devem celebrar-se de modo que não haja necessidade de candeia para a refeição, mas termine tudo ainda com luz do dia. E assim, em todo o tempo se deve regular a hora, tanto da ceia como da refeição (única), de forma que tudo se faça como de dia.



MOSTEIRO DE
ALCOBAÇA

A PÁSCOA NO MOSTEIRO

Cap. XLVIII: Do trabalho manual de cada dia

A ociosidade é inimiga da alma. Por conseguinte, devem os irmãos ocupar-se a certas horas no trabalho manual e na "lectio divina". E assim, julgamos por bem distribuir o tempo destas duas ocupações da seguinte maneira:

Desde a Páscoa até 14 de Setembro, os irmãos vão logo de manhã trabalhar no que for preciso, desde a primeira hora até por volta da quarta hora. Desde a quarta hora até cerca da sexta entreguem-se à leitura. (...)

Desde 14 de Setembro até ao princípio da Quaresma, os irmãos entreguem-se à leitura (desde manhã) até ao fim da segunda hora (...).

Durante a Quaresma, ocupem-se em suas leituras desde manhã até ao fim da terceira hora; depois, trabalhem no que lhes for mandado, até ao fim da décima hora.

Nestes dias da Quaresma, cada qual recebe da Biblioteca um livro, que lerá integralmente por ordem. Estes livros devem ser distribuídos no princípio da Quaresma (...).

Aos domingos, entreguem-se todos à leitura, excepto aqueles que forem deputados para os diversos ofícios. (...).

Cap. XLIX: Da observância da Quaresma

Embora a vida do monge devesse ter, em todo o tempo, uma observância da Quaresma, todavia, como tal perfeição é de poucos, exortamos (os irmãos) a que, nestes dias da Quaresma, guardem a sua vida em toda a pureza e apaguem, nestes santos dias, as negligências dos outros tempos. Isto faremos condignamente, abstendo-nos de todos os vícios e aplicando-nos à oração com lágrimas, às leituras, à compunção do coração e à abstinência.

Assim que, nestes dias, acrescentemos alguma coisa à costumada tarefa do nosso serviço: orações particulares, restrição no comer e beber; ofereça cada qual espontaneamente, com a alegria do Espírito Santo, alguma coisa a mais, além da medida que lhe é imposta. Quer dizer: subtraia ao seu corpo algo no comer, no beber, no dormir, no falar, nas chocarrices, e espere a santa Páscoa com a alegria de um desejo espiritual.

No entanto, tudo o que cada qual se propuser oferecer, deve-o comunicar ao seu abade, para que se faça com a sua oração e aprovação; pois tudo o que se fizer sem licença do pai espiritual será tido na conta de presunção e vanglória e não de merecimento. Por conseguinte, tudo se deve fazer com o assentimento do abade.



Claustro das Procissões, Via Crucis, 1ª estação



MOSTEIRO DE
ALCOBAÇA

A PÁSCOA NO MOSTEIRO

A Páscoa vivida no século XVIII

«(...) nas 6^{as} feiras quando sahem do capítulo vem em procissam pelo claustro ate o Coro resando os psalmos penitenciaes; e na 6a feira santa não entram no coro, mas acabam os psalmos, que restaram na claustra postrados com todo o corpo no cruseiro da Igreja diante do trono do S^{mo} Sacramento exposto.»

Na quaresma, todas as 6^{as} feiras depois do meio dia varrem a Igreja todos os monges sem exceção de pessoas, indo diante o Abade Geral, o Prior, os Diffinidores, e monges velhos; e na última 6^a feira, que he a de Ramos leva cada hum para seu uzo a vassoura com que varreo; em 5^a feira Santa exposto o senhor sahem os monges do coro ao claustro, e nelle postos de joelhos lavam os pés cada hum monge a hum pobre de antes revenido; e lavados lhos beijam com grande edificação do povo que concorre innumeravel a ver esta açam humilde; e lavados os pés levam os monges pela mam cada hum ao pobre, que lavou, ao refeitório, aonde os servem a meza indo diante de todos o D. Abbade e os monges mais graves. De tarde ha outro lavapes, que fas o mesmo D. Abbade como os Bispos; mas a noviços e conversos, e não a pobres; na claustra e não na Igreja.

Mesmo na quaresma as 2^{as} feiras, 4^{as} e 6^{as} tem disciplina conventualmente nos dormitórios depois de Completas; e na Somana Santa todos os dias.

(...) ja mais se abre a () grade da igreja nem se põem franca ao povo, salvo em poucos dias do anno; os quais são dia de Natal, na Dominga de Ramos, na 5^a feira santa ao lavapes dos pobres, na 6^a feira a procissão do enterro do Senhor, em dia de Pascoa toda a manham, dia de Corpus Domini, dia de N. P.^e S. Bernardo. () So hum dia sahem fora da porta em comunidade: na manham da Ressurreição do Senhor a esperar a procissão da Villa porque vem nella publico o S.^{mo} Sacramento. (...).

Em 5^a feira da Somana Santa se dá um pam cáldo a todas as pessoas que entram e sahem da igreja; () no mesmo dia se dá no refeitório de comer, hum pam, hum prato de legumes, e outro de peixe seco com duas postas, e meio quartilho de vinho aos mesmos pobres, a quem os monges lavaram os pés, e hum vintém em dinheiro, que o celareiro mor posto em lugar competente vai tirando de huma salva de prata, e dando aos monges, e estes aos seus pobres quando passam da claustra para o Refeitório;(...).»

Fr. Manoel dos Santos, Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça.



Claustro das Procissões, Via Crucis, 14^a estação